

SUPLEMENTO

DE ARQUEOLOGIA

Povoado das Pedras Brancas (Santo Estêvão de Barrosas):
novos dados sobre o Calcolítico e a Idade do Bronze no concelho de Lousada

Texto e fotografia | Manuel NUNES* / Paulo LEMOS** / Hugo NOVAIS***

Numa pequena elevação conhecida como Pedras Brancas, na freguesia de Santo Estêvão de Barrosas, foi recolhido um conjunto significativo de vestígios ceramológicos e líticos cujas pastas, formas e tratamento de superfícies, para além de apontarem a presença de um assentamento com uma ampla diacronia, desde o Eneolítico à Idade do Bronze, confirmam a área formada pelo complexo montanhoso Campelos/Ermida - Maragotos como um território de singular importância no contexto do paleopovoamento do concelho de Lousada.



Fragmentos cerâmicos com decoração impressa e puncionada (Povoado das Pedras Brancas).

O POVOADO DAS PEDRAS BRANCAS

O povoado das Pedras Brancas encontra-se situado no limite nordeste do concelho de Lousada, freguesia de Santo Estêvão de Barrosas (41° 20' 02,37" N; 08° 16' 06,76" O), na fronteira com as vizinhas freguesias de Revinhade e Idães (Felgueiras). O substrato geológico da estação é constituído por rochas metamórficas, designadamente corneanas, correspondendo estes a uma man-

cha de reduzidas dimensões, apenas assinalada no limite este da freguesia, precisamente no local escolhido para a fixação do povoado. Ocupando o limite sudoeste da chã planáltica do Monte dos Maragotos, o povoado das Pedras Brancas integra, a par de um conjunto assinalável de vestígios de paleopovoamento dispersos por todo este plateau, a área arqueológica do Planalto do Maragotos.

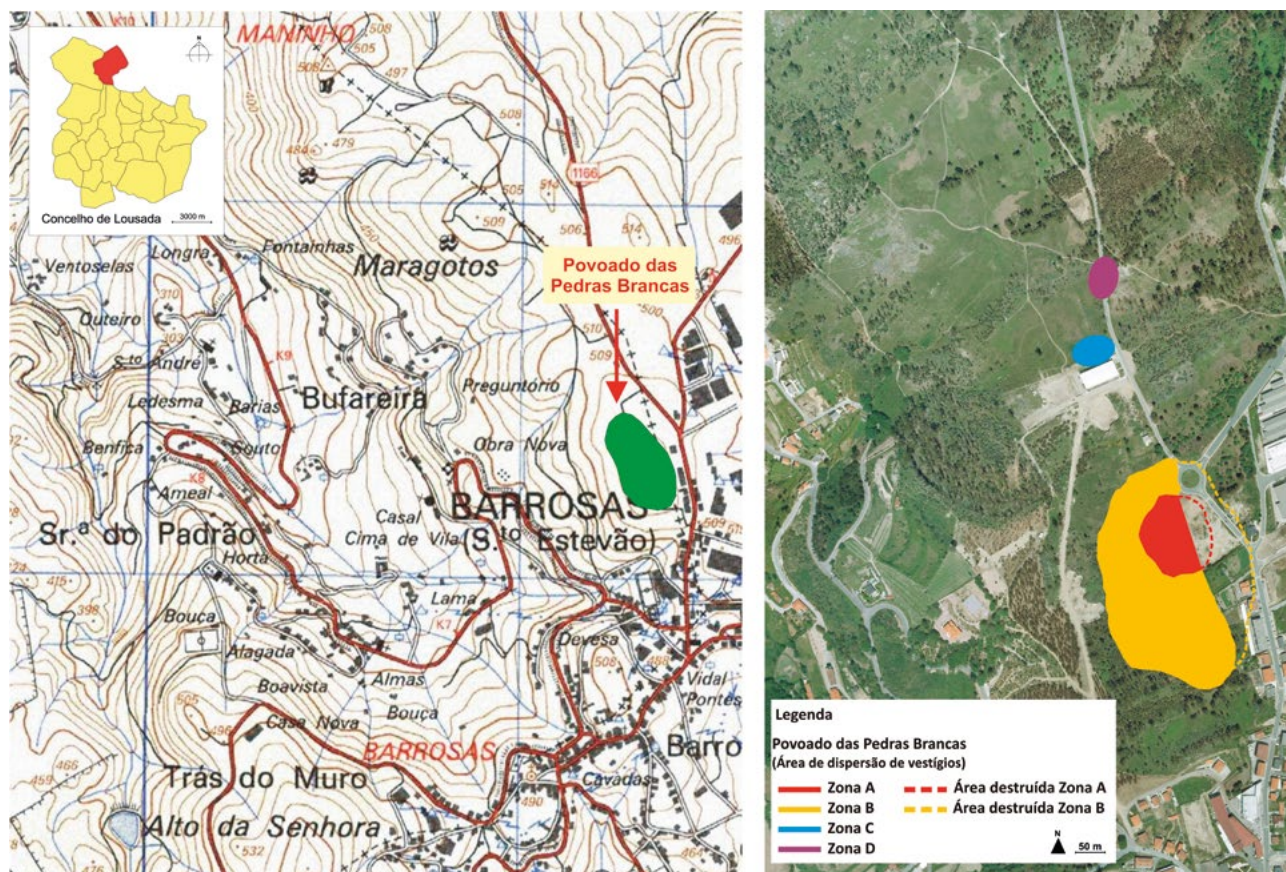


Figura 1. Localização administrativa do Povoado das Pedras Brancas (CMP: 1:25000. Folha 99, ampliada) e zonamento da distribuição de vestígios (Ortofotomapa CML, 1:5000).

Com efeito, trata-se de um amplo espaço de assinalável interesse científico onde subsistem vestígios arqueológicos enquadráveis em tipologias e horizontes crono-culturais distintos, que vão desde a Pré-História recente à Idade Média. É neste contexto diverso do ponto de vista arqueológico e patrimonial que se integra o povoado das Pedras Brancas, o maior e mais relevante sítio arqueológico desta área montanhosa.

Os testemunhos arqueológicos identificados indicam a presença de um povoado de altura, aberto, implantando sobre um cume aplanado que se desenvolve entre os 510 e os 528 metros de altitude, aparentemente desprovido de qualquer sistema defensivo mas com clara dominância da paisagem envolvente (Bettencourt, 2013:159), caracterizada pela presença de bons solos agrícolas e abundância de água¹. Estas condições naturais funcionaram como um atrativo para a fixação de população sedentária, provavelmente entregue à atividade agro-

pastoril, conforme testemunham a presença de vestígios associados à transformação cerealífera e à produção cerâmica. De resto, o estudo da cerâmica proveniente das recolhas de superfície (três centenas de fragmentos dispersos por uma área com c. 2,5 ha), para além de possibilitar a tipificação e enquadramento cultural de algumas peças (e.g. produções campaniformes de tradição Calcolítica), permitiu a deteção inédita no contexto local de vestígios de barro de revestimento² associado a estruturas habitacionais (poss. cabanas) edificadas, provavelmente com recurso a materiais perecíveis (Almeida et al, 2008:36; Bettencourt, 2013:160). Embora o espólio ceramológico recolhido aponte a existência de uma larga diacronia de ocupação, que se desenvolve, grosso modo, entre a primeira metade do III^o milénio e o início do I^o milénio a.C., isto é, desde o Calcolítico ao Bronze Final (Bettencourt, 2011:369; Cardoso, 2012:43), apenas a realização de trabalhos arqueográficos de outra natureza permitirá validar e afinar estas leituras de superfície.

ESPÓLIO CERÂMICO E LÍTICO

O conjunto recolhido no povoado de Pedras Brancas (Quadro 1) corresponde a fragmentos cerâmicos conotados com recipientes de fabrico manual, de aspeto algo grosseiro, que apresentam, para além da matriz argilosa negra ou ocre, minerais de feldspato potássico, quartzo e mica. Ostentam ornamentação singela, coloração externa usualmente sobre o escuro, com predomínio das superfícies

acinzentadas, em resultado de cozeduras em ambiente redutor. A cerâmica lisa de formas simples (pratos, taças e potes), corresponde à maioria dos recipientes recolhidos (96,2%), estando ausentes as formas compostas (peças carenadas e copos). A cerâmica decorada representa 3,8% do conjunto das peças classificáveis.

De entre a cerâmica de uso doméstico, os fragmentos de panela são os mais representativos (n=230), embora a esmagadora maioria não permita a reconstituição da forma e tipologia. Os fragmentos de bordos são escassos (n=5) e respeitam a formas indeterminadas, à exceção de um bordo simples de lábios arredondados, correspondente a um pote de colo fechado, com acabamento polido e moldagem de duas bandas paralelas ao bordo (Cardoso, 2004:260;263).

Povoado de Pedras Brancas								
"Recolhas de Superfície"	Líticos			Cerâmica				Total
	Percutor	Mó	Movente	Bordos	Fundos	Panelas	Outros	
Zona A	1	1	1	5	4	212	50	274
Zona B	0	0	0	0	0	8	0	8
Zona C	0	0	0	0	0	4	0	4
Zona D	0	0	0	0	0	6	0	6
Totais	1	1	1	5	4	230	50	292

Quadro 1. Distribuição espacial do espólio recolhido.

1. O povoado dista menos de 200 metros de diversas nascentes que constituem a cabeceira de pequenos tributários da margem direita do ribeiro das Cruzes.

2. Trata-se de material que apresenta matriz argilosa negra ou ocre, minerais de feldspato potássico e quartzo, entre 1 a 2 mm, bem como a presença de micas, que consistem em biotites de tamanho inferior a 1 mm, de cor ocre, apresentando vazios identificáveis à vista desarmada.

Na generalidade, os bordos ostentam pasta de cor cinzenta escura com mica, quartzo e feldspato como desengordurantes e acabamento alisado. Referência ainda para a recolha de fragmentos de fundos planos espessos de fabrico manual, de média dimensão ($n=4$), que dizem respeito a peças de vasos de pasta biscoitada com quartzo e feldspato e raríssima e fina mica. Apresentam cor entre o bege alaranjado e o cinzento claro, cozedura em ambiente redutor, arrefecimento oxidante e acabamento alisado.

Os onze fragmentos que apresentam decoração foram recolhidos na Zona A. De entre estes, seis ostentam decoração plástica – moldura/cordão – equivalendo a fragmentos de pequenas a médias dimensões, de fabrico manual, pasta de cor castanha acinzentada a laranja, com presença de desengordurantes de pequeno calibre e acabamento alisado.

Ainda entre a decoração plástica, nota para um fragmento de pança com mamilo arredondado de função simbólica decorativa, destacando-se muito da linha da carena. Trata-se de um fragmento de pasta biscoitada, acabamento alisado, cor entre o bege (interior) e o cinzento alaranjado (exterior), com presença de muitos desengordurantes, revelando cozedura em ambiente redutor e arrefecimento oxidante.

Os restantes quatro fragmentos apresentam decoração não plástica, destacando-se a presença do grupo decorativo designado de *Campaniforme*, representado por dois fragmentos. O primeiro corresponde a parte de uma pança de fabrico manual, de pasta de cor castanha acinzentada, com desengordurantes de quartzo, feldspato e mica. Apresenta uma decoração impressa de cinco linhas paralelas dispostas horizontalmente e uma derradeira linha oblíqua. Evidencia má cozedura com arrefecimento redutor e acabamento alisado. O segundo, corresponde a um fragmento de pança de fabrico manual, de pasta biscoitada de cor cinzenta alaranjada, com feldspato e quartzo, rara e fina mica como desengordurantes. Apresenta decoração puncionada disposta em duas faixas horizontais, com uma delas a apresentar quatro linhas paralelas. Evidencia má cozedura redutora, com arrefecimento oxidante, acabamento com alisamento interior e exterior. Este fragmento corresponde a uma peça cerâmica Campaniforme tipo *marítimo*

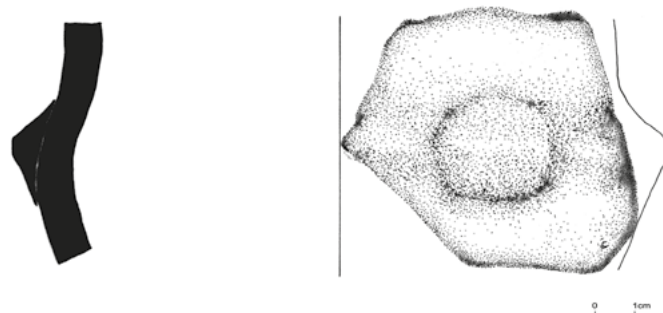


Figura 2. Fragmento de pança com decoração plástica sob a forma de mamilo arredondado.



Figura 3. Fragmento de pança com decoração impressa Campaniforme de linhas horizontais e oblíquas.



Figura 4. Fragmento de pança com decoração puncionada Campaniforme tipo *marítimo linear*.



Figura 5. Movente de secção ovoide em quartzo leitoso.

linear, concretamente da variante que ostenta linhas horizontais paralelas impressas, agrupando-se as linhas em série, deixando uma banda em reserva.

Os restantes dois fragmentos com decoração não plástica são de diminutas dimensões: o primeiro apresenta duas linhas verticais paralelas incisas, ainda que se admita a possibilidade de as mesmas serem oblíquas, e o segundo uma decoração possivelmente vertical de alinhamentos de círculos paralelos realizados por punção com instrumento cónico, atingindo uma profundidade de 2,2 mm. As dimensões das peças não permitem aferir as suas formas. O espólio lítico do povoado cinge-se a apenas três elementos: uma mó de vaivém, um movente e um percutor, todos procedentes da Zona A. O fragmento de mó de *vaivém* ostenta a face alisada e plana, não revelando a presença de indícios de piquetagem³, nem a característica superfície côncava, facto que poderá estar ligado a um abandono imediato da peça após a preparação da superfície ou a uma função alternativa.

O movente é de pequena dimensão (9,3 cm comprimento; 9,4 cm de largura e 6,5 cm de espessura), secção ovoide com evidência de afeiçoamento em ambas as extremidades. Tem cor bege, tendo sido produzido a partir de quartzo leitoso que é frequente em filões dispersos pelo território, muitos sem expressão cartográfica. Deverá, por isso, ter uma origem muito próxima do povoado. Quanto ao percutor, é de pequenas dimensões (4,7 cm

comprimento; 3,7 cm de largura; 1,8 cm de espessura) em quartzo de cores amarelas, facto que lhe confere a designação específica de quartzo citrino, não identificado em afloramento na freguesia. Apresenta-se fraturado numa das extremidades e evidencia, na outra, indícios de utilização.

Bibliografia

ALMEIDA, P. B. e FERNANDES, F. (2008). O Povoado da Idade do Bronze da Cimalha. *Oppidum*, número especial. Lousada: CM Lousada, p. 29-44.

BETTENCOURT, A.M.S. (2011). *El Vaso Campaniforme en el Norte de Portugal. Contextos, cronologias y significados. In Las Comunidades Campaniformes en Galicia. Cambios sociales en el III y II milenios BC en el NW de la Península Ibérica.* Coordenação de M. Pilar Prieto Martínez y Laure Salanova. Diputación de Pontevedra, p.363-414.

BETTENCOURT, A.M.S. (2013). O Bronze Final no noroeste português. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. N.º 20. Oeiras: CM Oeiras, p. 157-172

CARDOSO, J.L. e SILVA, I.M. (2004). *O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico.* Revista Portuguesa de Arqueologia. Volume 7. Número 1, p.227-271.

CARDOSO, J. L. (2012). O sítio campaniforme de São Gregório (Caldas da Rainha). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. V 15, p.31-45.

IGREJA, M.A. (2011). *Análise traseológica de umamó manual proveniente do tumulus de Vale de Mós 1 (Oleiros): Resultados.* AÇAFA On-Line, nº 4. AET. Vila Velha de Ródão, p.2-7.

VARELA, A.C.N. (2006). *Calcolítico e Transição para a Idade do Bronze na Bacia do Alto Mondego. Estruturação e Dinâmica de uma Rede Local de Povoamento.* Dissertação apresentada à FLUP. Policopiado. Porto.

3. A piquetagem da superfície, que equivale a uma das fases do fabrico destes utensílios, consiste na preparação da face ativa da mó que servirá de base ao processamento dos cereais, conferindo-lhe poder de abrasão e de aderência, garantindo a eficácia da mesma (Igreja, 2011:5-6).